

## **Recortes de Imprensa**

**Maio 2009**

apoio





**CORRIDA DA APAV/LISBOA (29/03)**



Prova na distância de dez quilómetros com o bom número de 759 participantes mas cuja organização deixou a desejar. Voltou-se aos tempos da "fila pirlau" antes de cortar a meta e a entrega da t-shirt também deixou a desejar. As classificações trazem apenas os tempos dos 60 primeiros.

Venceu Luís Pinto em 31m48s, seguido de Ricardo Ribas a dois segundos e de Manuel Silva a 29. Em femininos, triunfou Sandra Teixeira em 37m25s, seguida de Lucília Soares a 2m37s e de Sónia de Sousa a 4m12s.

Resultados: Masc.: 1º Luís Pinto (Ind.) 31.48; 2º Ricardo Ribas (Maratona CP) 31.50; 3º Manuel Silva (Ind.) 32.17; 4º (Jún.) Olivier Pedroso (Ind.) 32.49; 5º Nuno Romão (Ind.) 33.22; 6º Pedro Pessoa (Ind.) 33.47; 7º (Vet.) José Santos (Ind.) 34.51; 8º Mário Casaca (AA Grândola) 35.17; 9º Carlos Fernandes (3º Grupo Corpo Interv.) 35.33; 10º João Ginja (GD Macedo Oculista) 36.03. Fem.: 1ª Sandra Teixeira (Ind.) 37.25; 2ª Lucília Soares (Ind.) 40.02; 3ª Sónia de Sousa (SL Benfica) 41.37; 4ª Luana Nunes (Ind.); 5ª Helena Nunes (Ind.).



MORTINHA POR SABER...

# QUANDO O AMOR É LETAL

Alguns homens – até os que à primeira vista parecem simpáticos – aceitam mal que seja a mulher a terminar a relação. Por que motivos reagem assim? Leia e aprenda a defender-se.

Por Luiza Machado





**M**esmo quem tem pouca paciência para escândalos que envolvem celebridades estremece ao ver a fotografia da cantora Rihanna depois de ter sido agredida pelo namorado, o rapper Chris Brown. Além das ameaças de morte, mordeu-lhe dois dedos, apertou-lhe o pescoço e esmurrou-a. Esta história ilustra um facto que se torna cada vez mais difícil de ignorar: muitas mulheres são agredidas e mortas por homens com quem mantêm, ou mantiveram, uma relação. Muitos homicídios acontecem após a separação, o que indica que nesta fase a vulnerabilidade é maior.

### **PARTIR OU FICAR, EIS A QUESTÃO**

Um exemplo? Na manhã de 18 de Setembro de 2007, António A., estudante de engenharia civil, esfaqueou a ex-namorada até à morte. Ele tinha 28 anos, ela 20, e ambos eram estudantes na Universidade de Coimbra. António não aceitou que ela tivesse acabado o namoro e foi com a desculpa de que precisavam de conversar que a levou para um local isolado. Perante a recusa dela em reatar, atacou-a com uma faca. Depois entregou-se na GNR, onde revelou que tinha feito aquilo porque estava zangado por ela já não querer namorar com ele. Foi condenado a 16 anos de prisão, por assassinio.

Nalguns casos, os sinais de alarme são óbvios. Por exemplo, o abuso emocional evoluiu para ameaças físicas ou agressões. Mas noutros nada indicava que a história pudesse ter um fim violento. E longe vai o tempo em que as agressões só aconteciam entre pessoas mais velhas ou nas relações desgastadas pelas dificuldades da vida.

Em 2005, a Universidade do Minho efectuou o estudo *Violência nas Relações Amorosas, Comportamentos e Atitudes nos Jovens* e constatou-se que logo na adolescência muitos casais começam a trocar insultos, ameaças ou bofetões. E muitos dos inquiridos até consideram que uma bofetada é normal e em muitos casos a vítima interpre-

ta este tipo de comportamento erradamente. Os ciúmes são uma das justificações que mais se escutam. Acreditar que tudo mudará é outra das esperanças. Vãs, avisa-se já! Por isso é que os especialistas em violência doméstica defendem que as mulheres devem

**As vítimas de violência já não precisam de sofrer em silêncio. Basta ligarem para o 800.202.148 e obtêm ajuda.**

afastar-se do homem que as assusta ou inspira medo. E quanto mais depressa, melhor. Mas partir pode revelar-se complicado. Aos sentimentos de culpa ou sensação de dever junta-se o temor que essa decisão inspire reacções ainda piores. Como o medo é um aliado do agressor, ele vai continuando a maltratar, porque sabe que ela teme escândalos e perseguições.

### **POR QUE SE TORNAM ELES VIOLENTOS**

Nos Estados Unidos, o psicólogo David Adams ajudou a criar o primeiro programa de apoio para homens violentos. Durante 10 anos, entrevistou detidos que tinham morto a mulher que um dia amaram. Também escutou o relato de mulheres que tinham sobrevivido à violência de maridos e namorados. As conclusões foram publicadas no livro *Porque é que eles matam? Homens que assassinaram as suas parceiras*. A sua pesquisa permitiu descobrir traços semelhantes em todos os casos.

A maioria dos homens sobrevive ao fim de uma relação sem fazer dramas. Mas os que se tornam violentos partilham um traço comum: tentam contro-

lar de forma obsessiva a vida da mulher. Essa necessidade de controlo traduz-se muitas vezes em ciúmes extremos desde o início da relação. Amigos, família, colegas, qualquer pessoa lhe inspira ciúmeiras. Algumas vítimas de agressão contam que o ex não as atacou quando a relação terminou, mas quando suspeitou que podiam andar com outro. O que esconde este comportamento radical é para qualquer psicólogo fácil de explicar: eles sentem que não merecem ser amados e vivem à espera da rejeição. Para minimizar e combater a ansiedade e mal-estar que estes sentimentos geram, optam por uma solução: controlar a vida das namoradas. Quando elas acabam tudo, surge uma raiva indomável.

Foi o que aconteceu em Matosinhos, em Novembro de 2008. Irritado com o fim do namoro, um homem de 24 anos atacou a casa da ex. Partiu os vidros das janelas a murro, deu pontapés na porta... Foi levado para o hospital pelos bombeiros, onde causou mais desacatos e partiu sem receber tratamento.

### **SINAIS DE PERIGO**

Aos ciúmes junta-se muitas vezes a necessidade de que tudo se faça à sua maneira, em especial se for do tipo que encoraja a namorada a não se dar com outras pessoas. Ainda por cima, as mulheres, em especial as mais novas, tendem a confundir esta possessividade com amor. A própria sociedade favorece este tipo de mal-entendido. Quando um homem se mostra ciumento, exigindo atenção constante, apenas surgirá aos olhos da namorada como apaixonado e ansioso por partilhar cada segundo com ela! Em momento algum se questionará até que ponto este comportamento é saudável.

Mas há outro sinal de alarme que as mulheres devem aprender a interpretar: muitos dos homens que se revelam agressivos – durante a relação ou quando esta chega ao fim – são uns sedutores natos. Raramente se pode dizer que tenham mau feitio, tantas são as qualidades que apresentam. Neste caso, tentam conquistar a mulher antes que ela venha a saber que, afinal, não





## MORTINHA POR SABER...

é tão querido como parece e que já agrediu outras namoradas ou tem um problema com álcool e drogas, outra das características que une este tipo de homem. Fique alerta se perceber que ele evita falar de amores passados ou se se referir às ex em termos depreciativos, mesmo que até seja para colocar a sua pessoa nos píncaros.

Além disso, este tipo de homem vive como se o mundo girasse à volta do seu umbigo, interessando-se pouco pelos sentimentos dos outros. Mas se você fizer ou disser alguma coisa que lhe belisque o coração, fica logo muito revoltado.

### APARÊNCIAS QUE ILUDEM

Embora estes traços de personalidade possam ser óbvios para quem observa a relação à distância, quem a vive pode não ter essa clareza de espírito. Afinal, são peritos em levar a mulher à loucura. Devagar e com subtileza, minam a sua auto-estima, fazem com que esteja sempre à defensiva, e com um nível de confiança abaixo de zero é natural que comece a duvidar das suas percepções e raciocínios. E como, graças à estratégia de isolamento, não tem com quem desabafar, essas inseguranças agravam-se. Com o tempo, a mulher sentirá que esse homem lhe rouba a vontade de viver, pois terá necessidade de justificar cada gesto ou palavra, mas seja qual for a escolha nunca terá a aprovação dele. Ainda por cima, o comportamento do homem violento confunde, porque à fase agressiva segue-se outra amorosa, tão convincente que a maioria das mulheres acredita em cada palavra. Não espanta que amigos e família sejam apanhados de surpresa ao saber que ela continua a falar com ele e por vezes receptiva à reconciliação.

Rihanna é um bom exemplo. Ainda os fãs não tinham recuperado do choque das agressões quando foi noticiado que tinha perdoado ao namorado e que para ultrapassar o sucedido tinham ido passar uns dias à Florida, a casa do amigo Sean 'Diddy' Combs. Só em finais de Março anunciou a separação definitiva... até ver.

### JUSTIFICAÇÕES PARA A TOLERÂNCIA FEMININA

Explicar este comportamento feminino não é fácil. Os especialistas lembram que as mulheres são por instinto protectoras, o que faz com que detectem mais depressa as qualidades que os defeitos das pessoas.

No caso de um homem agressivo sentirá que ele tem potencial para ser fantástico, bastando um empurrãozinho para essa faceta brilhar. Se tal ainda não sucedeu foi por culpa dela, que não se revelou tolerante, mente aberta... E quando ele sugere novo encontro, convence-se que se o fizer será positivo para os dois e que ele até poderá alterar a forma como encara a realidade. Nalguns casos, acredita que levar tudo a bem é o mais seguro, pois manter este contacto permite-lhe perceber como é que ele está. Além disso, terá sempre receio que ao pronunciar frases do tipo "nunca mais te quero ver" ele sinta que não tem nada a perder, tornando-se ainda mais agressivo.

### COMO SE PROTEGER

Antes de definir regras ou padrões de conduta, é preciso lembrar que cada relacionamento e cada ruptura são únicos. Para casos destes ainda não se encontraram fórmulas mágicas que permitam chegar à solução perfeita. Mas se o feitio do seu namorado a preocupa, pode tomar alguns cuidados.

Se não resistir ao apelo de uma derradeira conversa, marque encontro numa esplanada ou num centro comercial. E peça a uns amigos que se instalem numa mesa das proximidades. O ideal seria que chegasse e partisse na companhia de alguém. Pois é, tem de ultrapassar a vergonha e contar o que se está a passar a amigos ou família. O apoio dessas pessoas será de especial importância, pois é fácil entrar no ritmo ruptura-reconciliação-ruptura, o que não salva a relação e só lhe vai trazer mais sofrimento.

Se mesmo assim teme as reacções dele, acabe com a história via e-mail ou sms. Ou recorra ao auxílio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, APAV.

## O TESTE DA VIOLÊNCIA

As vítimas de abuso responderam 'sim' a maior número de perguntas do que as mulheres que nunca passaram por tais agressões.

- 1** Depois de viverem juntos já tentou deixá-lo ou terminar a relação?
- 2** Ele é violento e tem ciúmes constantes de si?
- 3** Consome drogas?
- 4** Tem problemas com o álcool?
- 5** Controla a maior parte das vossas actividades?
- 6** Alguma vez ele tentou o suicídio ou ameaçou que o fazia?
- 7** Sente que ele seria capaz de a matar?
- 8** Ele espia os seus movimentos? Deixa mensagens ameaçadoras no telefone? Já tentou destruir bens seus, tipo carro, telemóvel?
- 9** Está desempregado?
- 10** Alguma vez a forçou a ter relações sexuais?

Ao conversar com um profissional, perceberá melhor que riscos corre e que estratégias usar para se defender. A Linha de Informação às Vítimas de Violência Doméstica é outra alternativa. A qualquer hora do dia ou da noite obterá ajuda através do 800.202.148. Se necessário, apresente queixa na GNR ou PSP. Precisar-se-á de muita força e energia para resistir, pois por norma este tipo de homem é persistente. ■

MAIA

## “Garagem da vizinha” com arte solidária

➔ Chamam-lhe “Arte Contemporânea na Garagem Vizinha” e é uma iniciativa que junta várias manifestações artísticas com o objectivo de angariar fundos para a Associação de Apoio de Apoio à Vítima (APAV). Serão 18 artistas plásticos, nove jovens artistas e nove consagrados que apadrinharam o projecto, com design, música, dança, teatro e performance.

A acção realiza-se, entre os próximos dias 8 e 17 de Maio, numa oficina de automóveis na Rua de Padre António, na Maia, pretendendo-se criar um local de discussão, de mostra e de venda sem qualquer mediador entre artistas e público. Cada entrada custa 1.99 euros, sendo que um euro reverte a favor da APAV.

Na organização está a Comunicatessen, empresa de assessoria de Imprensa, a Boxtype, ligada à publicidade. Será lançado o Sanguenov o, suplemento de oito páginas que será distribuído por vários locais. O JN é parceiro. A iniciativa foi ontem apresentada, em Leça da Palmeira. ■





QUARTA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 2009

## Possidónio Cachapa no Espaço APAV & Cultura



Uma iniciativa com o apoio da Booktailors.

POSTADO POR BOOKTAILORS - CONSULTORES EDITORIAIS ÀS 9:30

MARCADORES: AUTORES, DIVULGAÇÃO

### o COMENTÁRIOS:

Enviar um comentário

### QUEM SOMOS



Booktailors - Consultores Editoriais  
[info@booktailors.com](mailto:info@booktailors.com)

Rua Nova do Almada, N.º 59, 3.º,  
1200-288 Lisboa.

Twitter de Paulo Ferreira  
Facebook de Paulo Ferreira

27-04-2009 - 13:26h

## Violência doméstica: apoio para mais vítimas

Projecto «Resposta Integrada de Violência Doméstica» começou em Penafiel, mas agora vai alargar-se a 40 concelhos

Por: Redacção / PP

Vota      Resultado      votos

[print](#) [enviar](#)

[comentar](#)

PUB COFIDIS. Até 20.000€. Experimente já! TAEG 14,76%



O projecto «Resposta Integrada de Violência Doméstica», iniciado em Penafiel, vai alargar-se a 40 concelhos de todo o país, disse esta segunda-feira à Lusa Manuela Santos, coordenadora do gabinete Janela Aberta, que concentra no mesmo espaço várias respostas às vítimas de violência.

O programa aposta numa resposta inovadora à violência doméstica, ao concentrar, no mesmo espaço, «todas as respostas» de que a vítima de violência doméstica precisa no seu «novo projecto de vida», adianta Manuela Santos.

### Violência doméstica: queixas aumentaram 31,8 por cento

O objectivo desta resposta em rede é evitar que a vítima tenha de contar a sua história aos diferentes intervenientes no processo de apoio psicológico, jurídico, social e profissional, desde o momento em que é feito o pedido de ajuda, até que é concluída a inserção sócio-profissional.

«Os técnicos trabalham concertadamente uns com os outros, tratando de todo o processo e permitindo que a vítima obtenha todas as respostas no mesmo espaço físico», salienta Manuela Santos.

#### LEIA MAIS:

» [Governo «ataca» violência doméstica](#)  
» [Violência doméstica «deve envergonhar-nos»](#)

#### Ajudou 500 vítimas

O projecto começou em Penafiel, através da Associação de Desenvolvimento de Figueira, que já deu resposta a cerca de 500 vítimas, 35 por cento das quais já se encontram integradas socialmente.

Graças aos resultados positivos, e aos fundos comunitários obtidos, o programa já se alargou a 30 concelhos.

Actualmente, estão em curso os processos relativos a sete concelhos (Silves, Setúbal, Santarém, Porto Santo, Montemor-o-Velho, Torres Vedras e Horta), esperando-se que o alargamento possa estar concluído até final de Julho.

«Como estamos a falar de fundos comunitários, resolvemos torná-los acessíveis a todos e, desde 2008, fomos informando outros municípios do nosso trabalho», afirma a responsável.

#### Rede nacional

A intenção é criar uma rede nacional de respostas às vítimas de violência doméstica.

«Todo o nosso trabalho beneficia se for feito a nível nacional. É importante criar uma rede de respostas uniformes, até porque, por vezes, é preciso deslocar as vítimas», sublinha.

O projecto começou em 2005 e, para desenvolver a metodologia de intervenção e colocá-la em prática, foram «envolvidos todos os parceiros locais» e as próprias vítimas.

«Queríamos dar uma resposta de qualidade às vítimas, sem aumentar os custos das instituições», afirma.

Actualmente, o modelo está a ser aplicado nos concelhos de Amarante, Castelo de Paiva, Lousada, Felgueiras, Celorico de Basto, Valongo, Braga, Faro e Funchal, entre outros.

Entre as várias instituições envolvidas na «Resposta Integrada na Violência Doméstica» contam-se as autarquias locais, no município onde o projecto está a ser implementado, instituições de apoio à vítima, como a APAV, unidades de saúde, associações empresariais e entidades ligadas ao ensino e formação profissional.

ADESÕES ONLINE PARA NOVOS CLIENTES

**citi**

#### Última hora

Filtrar por:

última hora + lidos + votados + comentados

- 11:54 | **Internacional**  
Irão: situação é «muito confusa»
- 11:47 | **Música**  
Zé Pedro, DJ Glue e Virgul no Estoril Dance Sessions
- 11:40 | **Economia**  
Euribor em marcha-atrás pelo 7.º dia consecutivo
- 11:34 | **Internacional**  
Somália: ministro morto em explosão
- 11:32 | **Cinema**  
Guarda real britânica by Sacha Baron Cohen
- 11:14 | **Música**  
Marissa e Barbara Hendricks em novo

#### Dinheiro Já!

Até 20.000€ na sua conta em 48h Sem complicações. Adira agora!

[www.barclaysfinance.pt/credito](http://www.barclaysfinance.pt/credito)

#### Teste da Vida

Faça o teste e descubra qual é a sua Esperança de Vida.

[www.testedavida.com](http://www.testedavida.com)

#### A Sorte está do seu lado

Participe no Sorteio Roda do Ouro e Ganhe 100.000eur! Seja milionário.

[www.rodaouro.com](http://www.rodaouro.com)

#### Cofidis

Fácil, rápido, com discrição. Simule já o seu crédito!

[Cofidis.pt](http://Cofidis.pt)

Anúncios

#### DOS LEITORES

**FÓRUM:** Discurso Directo: «Acha que a crise aumenta o número de abortos?»

**BLOG:** Desculpem lá, mas preciso mesmo de desabafar

**O MELHOR:** Calor: Protecção Civil em «alerta amarelo»



#### DESPORTO

Cissokho no AC Milan



#### CELEBRIDADES

Eva Mendes em lingerie para Calvin Klein



#### CINEMA

Sean Penn deixa Hollywood por um ano





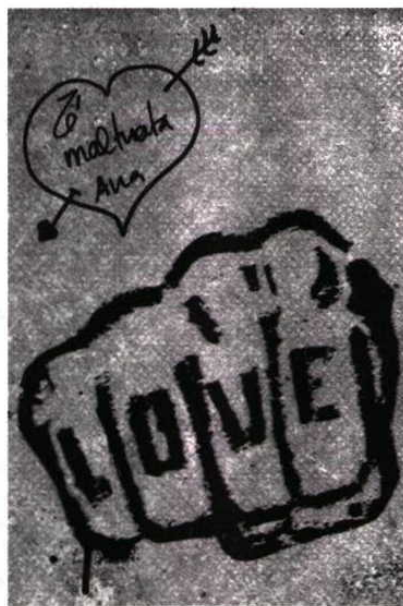
No Via Rápida de 9 de Abril, o Núcleo de Viseu da Olho Vivo – Associação de Defesa do Património, do Ambiente e dos Direitos Humanos, dedicou a coluna “Golpe de Vista”, que desde 4.03.2004 mantém neste jornal, ao debate sobre violência doméstica que a Assembleia Municipal de Viseu levava a efeito, em 30 de Março, no qual participei em representação da Olho Vivo, a convite daquele órgão autárquico. Nesse “Golpe de Vista” fez-se um relato sucinto das principais intervenções, a começar pela dos oradores Elza Pais, presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e o Bispo de Viseu, Ilídio Leandro (que voltou a surpreender ao defender que “quando o amor deixa de existir é preferível optar pelo divórcio”), mas também dos relatórios apresentados por responsáveis da GNR e PSP. Por fim, reproduziram-se afirmações do advogado João Paulo Sousa, representante em Viseu da Ordem dos Advogados, que advertindo antecipadamente que iria fazer de “advogado do diabo”, discordou da passagem a crime público da Violência Doméstica, considerando-o um “crime da moda, como já houve o da pedofilia”, sujeito à pressão da comunicação social e à “instrumentalização por parte de putativas vítimas para usos indevidos”, como a “defesa de interesses patrimoniais” ou para “afastar o cônjuge da residência”. Num breve comentário, contestámos a posição deste advogado, relembando dados do Observatório das Mulheres Assassinadas, da UMAR, que no ano passado registou quase 50 mulheres mortas às mãos dos maridos ou de ex-companheiros, bem como relatórios do Conselho da Europa (“a violência contra mulheres no espaço doméstico é a principal causa de morte e invalidez de mulheres”) e da Comissão de Direitos das Mulheres do Parlamento Europeu que em 1997 considerou necessário a formação dos polícias e dos juizes sobre a violência contra as mulheres. E terminámos exemplificando a pertinência daquela recomendação com casos recentes de sentenças polémicas.

João Paulo Sousa (JPS) enviou uma “carta ao director” deste jornal, em resposta ao referido “Golpe de Vista”, que foi publicada no último número. Nela não põe em causa a veracidade das afirmações que reproduzimos (nem poderia porque foram registadas), nem tão pouco esclareceu a sua posição (poderia ter utilizado, ao abrigo do direito de resposta, quase o dobro do espaço), preferindo desperdiçar a sua verve em ataques pessoais e políticos. Não quero replicar no mesmo tom, até porque tenho a maior admiração por JPS enquanto virtuoso instrumentista de guitarra portuguesa, mas, como já tive ocasião de

## VIOÊNCIA DOMÉSTICA: SER OU NÃO SER CRIME PÚBLICO, EIS A QUESTÃO

(Resposta ao advogado João Paulo Sousa)

lho dizer cara a cara, no debate, lamento que, enquanto advogado com especiais responsabilidades, tenha desafiado numa questão tão sensível para a defesa dos direitos humanos. Esclarecerei apenas que a coluna “Golpe de Vista” não é o “alter ego”, de ninguém, pelo contrário, é um projecto colectivo, que vive da colaboração incógnita dos membros do Núcleo de Viseu da Associação Olho Vivo, e dos muitos leitores que nos escrevem e contactam preocupados com a defesa dos direitos humanos, do património e do ambiente da nossa cidade ou da região. Enquanto vice-presidente da direcção nacional da Olho Vivo (prestigiada associação com mais de 20 anos



de existência a que muito me orgulho de pertencer) serei sempre responsável, em última instância, pelo que ali se escreve, mesmo que não seja da minha lavra. O meu activismo social deriva das minhas ideias políticas (como acontece com toda a gente, com ou sem partido) e, tem razão JPS, elas são de todos conhecidas. Sempre dei a cara pelo que digo e faço e esforço-me por debater com seriedade as ideias em que acredito. E repudio qualquer tentativa de condicionar os meus direitos de cidadania. O que é que o facto de qualquer um de nós, meu caro JPS, poder vir a candidatar-se por um partido tem a ver com a substância desta discussão? Francamente!...

De resto, parece que quem forma opinião apenas com o que lê nos jornais e nos memorandos que recebe (não do partido, mas da Ordem), é quem reproduz as palavras do bastonário Marinho Pinto a defender que “o crime de violência doméstica deveria perder a qualidade de crime público – derivado de

um “feminismo impertinente” – por forma “a possibilitar a desistência da queixa”.e que “não se deve legislar de acordo com a moda e os jornais” considerando que “as vítimas de violência doméstica não querem justiça, querem vingança”.

Serão “feministas impertinentes” as mulheres (duas deputadas municipais, Fátima Ferreira do PS e Graça Pinto do Bloco de Esquerda, a presidente da Confederação Nacional Independente de Pais e Educadores, Maria José Viseu, e a presidente da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Viseu, Manuela Antunes) que no debate sobre Violência Doméstica o interpelaram, escandalizadas, manifestando indignação às suas afirmações provocatórias?

Aquilo a que chama “moda” é uma mudança de paradigma no nosso sistema jurídico, no enalço de todo o mundo civilizado, em conformidade com o entendimento do Conselho da Europa e das Nações Unidas. Quando o legislador, em 2000, classificou como crime público a violência doméstica fê-lo para superar uma cultura de indiferença que deixava desprotegidas as mulheres, vítimas quotidianas da violência física, psicológica e sexual e passar a um patamar civilizacional superior, onde o sistema reage sempre que são violados direitos fundamentais, independentemente da vontade das vítimas (coagidas a desistir das queixas, pelos agressores e pela tolerância social a este tipo de crime, ou, por vezes, compelidas a sair da própria casa, refugiando-se em casas abrigo), envolvendo a comunidade na censura e na prevenção a qualquer ataque aos direitos humanos.

Depois de ler os artigos do Código Penal que me aconselhou a consultar, reforcei a ideia de que JPS está a ver uma imagem completamente invertida da realidade. Efectivamente, o crime de violência doméstica foi autonomizado porque não pode ser igualável ao de ofensa à integridade física, ou ao de violação, dada a especial relação entre vítima e ofensor. A especificidade deste crime obriga a uma resposta rápida do sistema na defesa do bem jurídico tutelado, que não é só a integridade física, mas a vida e a saúde das pessoas, constitucionalmente consagrado. Quando um pai viola uma filha o crime é mais grave do que se praticado por um estranho, pela especial relação entre vítima e agressor, pela responsabilidade que este tem para com aquela.

O artigo 1º da Constituição diz que “Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária”. É precisamente isso que está em causa: a dignidade das mulheres e a solidariedade de todos os cidadãos e do Estado.

carlosvieira@portugalmail.pt



# A denúncia de Nuno Guerreiro



**Q**uando os jornais publicam números estatísticos sobre casos de violência doméstica, periodicamente divulgados pelas autoridades ou por organizações não governamentais, ou quando dão notícias concretas de situações de agressão física entre casais, é quase automático pensarmos nas vítimas como sendo alguém do sexo feminino. É um erro. Lembro-me de ler um relatório da

PSP, relativo a 2007, onde se dizia que só nesse ano as esquadras da polícia trataram queixas de mais de 1700 homens, que se diziam agredidos pela pessoa com quem mantinham uma relação. E a Associação Portuguesa de

**A denúncia de  
Nuno Guerreiro é  
particularmente  
corajosa**

Apoio à Vítima (APAV) divulgou em 2008 que em quase 13 por cento destes casos a vítima é do sexo masculino. Se há vergonha e preconceito a vencer quando uma mulher é vítima de uma situação de abuso desse tipo, o que leva a que muitas acabem por suportar anos e anos de agressões sem se queixarem, o estigma social que cai sobre homens que se vêem assim subjugados é muito maior. Por isso, é particularmente corajosa e louvável a denúncia que o cantor Nuno Guerreiro faz hoje através do *24horas*. ▀

▀ Pedro Tadeu



Denúncias de violência doméstica aumentaram 47,1% nos Açores

# É preciso conhecer melhor a violência para a travar

SANDRA PACHECO TEJO  
sandra.tejo@publicor.pt

O arquipélago dos Açores regista uma taxa de denúncias de casos de violência doméstica dois terços superior à média nacional, números que estão a ser analisados por especialistas para "melhor compreender" esta realidade e as suas causas. Por outro lado e, apesar de as denúncias terem aumentado, a dimensão real deste tipo de crime, diminuiu, em 2008. Os dados foram apresentados, segunda-feira, no Colóquio: "Violência Conjugal", promovido pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores. Violência Conjugal, violência no namoro, violência vicariante são alguns dos tipos de violência doméstica já identificados.

“Nos últimos dois anos, os casos reportados às forças de segurança situam-se dois terços acima dos valores médios nacionais”, revelou Paulo Machado, da Direcção-Geral da Administração Interna, em declarações aos jornalistas, em Ponta Delgada.

Fonte policial disse ao *Terra Nostra* que a PSP registou no ano passado 1.200 denúncias de violência doméstica nos Açores.

Paulo Machado, que falava à margem do colóquio "Violência Conjugal", integrado num estudo que o Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores está a desenvolver, salientou que os Açores "não são um caso estranho", mas frisou que "é preciso compreender" esta taxa de incidência, muito superior à média nacional.

"Vamos compreender em profundidade algumas situações tipo, como é o caso das características sociais e individuais que estão associadas às situações de violência", explicou o investigador, acrescentando que o estudo foi iniciado em finais de Janeiro e deve ficar concluído em Novembro do corrente ano.

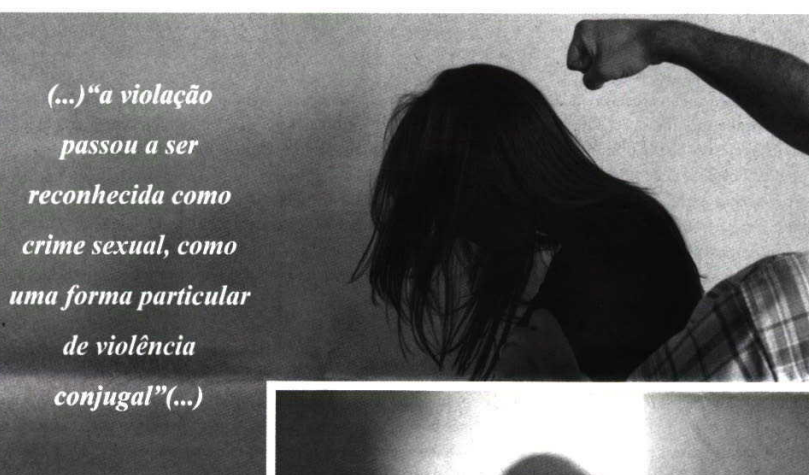
Na opinião de Paulo Machado, o melhor conhecimento da realidade associada aos casos de violência doméstica permitirá também que a Polícia de Segurança Pública (PSP) melhore a sua actuação nesta área.

Por seu lado, a coordenadora do projecto, Piedade Lalanda, considerou que o fenómeno assume taxas superiores nas ilhas açorianas devido a uma "intervenção melhor" do que a que ocorre no Continente.

"Não nos podemos esquecer que a Região foi pioneira na criação de uma casa abrigo para mulheres vítimas de maus-tratos, em 1997, quando no Continente só mais recentemente é que se começaram a difundir", sustentou.

Piedade Lalanda defendeu ainda que existe nos Açores "uma maior proximidade" entre os serviços de

Fotos: José António Rodrigues



(...) "a violação passou a ser reconhecida como crime sexual, como uma forma particular de violência conjugal" (...)

acolhimento e os habitantes, que pode estar na origem de um maior número de denúncias.

Elza Pais, Presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, revelou que "a taxa de incidência das participações de violência doméstica na Região Autónoma dos Açores é de 47,1% (por mil habitantes). De entre as queixas apresentadas nos Açores, as que se referem às comarcas da Ponta Delgada (43,9%) e da Ribeira Grande (25,5%) são as que predominam."

Na perspectiva de Elza Pais estes números revelam, ainda, apenas a "ponta do iceberg" no que toca aos meandros da violência doméstica.

A visibilidade crescente que tem vindo a adquirir associada à redefinição dos papéis de género, e à construção de uma nova consciência social e de cidadania, bem como, à afirmação dos direitos humanos, levaram segundo disse, "os poderes públicos a definir políticas de combate a um fenómeno que durante muitos anos permaneceu silenciado".

Não se trata de um fenómeno novo, antes pelo contrário, é um fenómeno bastante velho, mas que, durante anos permaneceu silenciado, envolto em crenças e valores de vergonha e do



"onde há pão, todos ralham e ninguém tem razão", "quem bate no meu filho sou eu", ou ainda, "não digo porque tenho medo" e "entre briga de marido e mulher ninguém meta a colher". Hoje em dia, é fruto do "acordar" para o crime, das teorias feministas e do próprio apoio das entidades governamentais e das ONG's, a mulher já não tem tanto medo em denunciar situações de maus-tratos e avançar com o processo de uma queixa de violência doméstica até ao final, ainda que neste caso, hajam ainda muitos casos de mulheres que desistem a meio do processo, com medo de represálias e ou porque dependem financeiramente do agressor.

Segundo Elza Pais, nem toda a violência conjugal é violência doméstica, é preciso desmistificar o tipo de violência doméstica antes de se poder avançar com dados sobre o aumento

deste tipo de crime, é preciso antes de mais saber se "a dimensão real do crime se aumenta ou diminui. No caso da violência doméstica nos Açores, em 2008, as denúncias deste tipo de crime aumentaram, enquanto a dimensão real do mesmo diminuiu".

No seu entender, esta diminuição prende-se com o facto de "as vítimas já confiarem no Sistema, do se ter quebrado com a culpa e a vergonha, com uma nova consciência social, com a diminuição da tolerância social à violência doméstica, verifica-se um aumento significativo da percentagem das vítimas que participam às forças policiais".

Isabel Dias, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, abordou o Síndrome da Mulher Batida (S.M.B.), um conceito que na sua perspectiva "tem sido ultrapassado", porque limita o tipo de agressão feita à mulher.

Segundo disse, "existem diferentes tipos de violência, a violência física é antecedida por muitas formas de violência, embora a literatura autonomize os conceitos.

Na sua perspectiva, a violência conjugal, em termos históricos, é antiga, mas é relativamente jovem, em termos de investigação, "é um movimento de extensão da síndrome de mulher batida", por vezes, segundo adiantou, "muitas vezes, a agressão verbal magoa muito mais que uma bofetada. É um tipo de violência que assume muitas formas e que raramente ocorre de forma isolada".

Há também um tipo de violência ainda mais jovem, a da violação no casamento, que tal como avançou Isabel Dias, devido à acção do movimento das mulheres feministas e não só, "a violação passou a ser reconhecida como crime sexual, como uma forma particular de violência conjugal".

As raízes históricas do casamento e as suas fundações patriarcais, a posição social e económica da mulher em relação ao cônjuge, a prevalência de uma cultura de violência, o sentimento de posse e ciúme, as expectativas do homem em relação à mulher, a convicção do homem de que possui o direito de punir a mulher/esposa por causa de situações que ele percepciona como erradas, a necessidade que o homem tem de se impor e/ou manter a sua posição de dominador, são algumas das razões que explicam, segundo Isabel Dias, questões como "por que razão os homens agredem as mulheres?", "se ele lhe bate porque razão ela não o deixa?".

Por seu turno, Rui Abrunhosa, do departamento de Psicologia da Universidade do Minho, explicou que existem vários modelos explicativos para a agressão conjugal, bem como, vários tipos de agressores de violência conjugal, sendo os disforicos [distúrbios emocionais], os que "maior probabilidade tem de vir a cometer o homicídio conjugal", os quais segundo disse, ocupam 25% do bolo dos agressores conjugais.



## Somos mais violentos

Os Açores registam uma taxa de denúncias de casos de violência doméstica dois terços superior à média nacional, números que estão a ser analisados por especialistas para “melhor compreender” esta realidade e as suas causas.



DADOS DO ESPAÇO TREVO RELATIVOS AO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2009

# Há cada vez mais vítimas de violência doméstica a denunciar

21 novos casos registados em Santa Maria da Feira desde o início do ano. Mulheres continuam a ser as principais vítimas, mas também há homens a denunciar.

Mesmo assim, é certo que muitos dos casos ficam por denunciar. "Há muitas pessoas que não procuram apoio. Estamos a falar de pessoas que andam, sobretudo, na faixa etária dos 50 e que já viveram durante anos uma relação de violência", referem os responsáveis do Espaço Trevo.

Desde 2006, ano em que entrou em funcionamento, o Espaço Trevo já atendeu 515 pessoas, entre as quais 114 crianças (até 18 anos). Deste total, 409 foram mulheres e apenas 106 homens. As mulheres continuam a ser as principais vítimas de violência doméstica, mas também aquelas que menos receio ou vergonha têm de denunciar. E se há uns anos as mulheres debavam-se levar uma vida de maus tratos, pelo casamento ou pelos filhos, hoje a tendência é denunciar. Dados do Espaço Trevo revelam que "a maior parte dos casos não se refere a um acto de violência isolado, mas também não se refere a maus tratos de anos. As denúncias mais comuns partem das vítimas que sofrem um ou dois anos de maus tratos".

Essas vítimas, a maioria com idades entre os 20 e os 30 anos, chegam ao gabinete quase sempre por indicação de alguém. "São poucos os que vêm por iniciativa própria", referem os técnicos. São geralmente marcadas por estados depressivos e de ansiedade e mostram algum receio. Sobre as mulheres, "têm muitas vezes uma visão tradicionalista do casamento e a ideia dos mitos, isto é, dizem que têm aquilo que merecem, que o amor é para toda a vida". A exis-



Mulheres continuam a ser as principais vítimas de violência doméstica

tência de filhos é muitas vezes um entrave ao rompimento de uma união marcada pela violência doméstica. "Mas também há casos em que decidem denunciar precisamente por causa dos filhos", notam os responsáveis.

Relativamente ao agressor, é geralmente uma pessoa dependente emocionalmente e com pouca capacidade de empatia.

Entre os principais factores geradores de violência no seio familiar estão a dependência do álcool, os défices de auto-controlo, a baixa tolerância à frustração, a dependência económica e o desemprego. Estando desempregadas, as pessoas passam mais tempo dentro de casa e, havendo já outros factores conjugados, o risco de maus tratos aumenta.

## Prevenção

Num trabalho de prevenção, o Espaço Trevo, uma acção do projecto «Direitos e Desafios» criado pelo autarquia feirense, realiza ao longo do ano várias campanhas que envolvem sobretudo os mais jovens. Nas acções realizadas em 2007 e 2008, aquele gabinete já chegou a 883 alunos do 9º ano de escolaridade. Neste momento, os técnicos estão a concluir uma acção de formação dirigida aos agentes educativos. O produto final deste trabalho será apresentado a 1 e 2 de Junho, nas EB 2/3 de Arrifana e de Milheirós de Poiares.

## Perseguida mesmo depois do divórcio

Humbelina Alves tem 33 anos. Durante 11 anos de casamento foi vítima de violência doméstica. Desempregada e com uma filha, Humbelina optou por suportar aquela situação. Nunca quis casar, mas uma relação sexual forçada no tempo de namoro levou a que acesse-se às pressões da mãe. "Comi, calei e casei".

Quatro meses depois, e sem contar, estava grávida. Uma gravidez difícil, marcada pelas constantes exigências do marido que não admitia que ela não lhe fizesse as vontadas, apesar do estado delicado.

Depois do nascimento da bebé, a situação de Humbelina piorou. Teve uma depressão pós-parto e a intolerância do companheiro ao choro da criança durante a noite levou-a a deixar que a mãe levasse a menina para sua casa.

"Deixei-me levar muitos anos por causa da minha filha e porque estava desempregada. Entretanto arranjei emprego, mas depois voltei a ficar desempregada e a partir daí praticamente me proibiu de trabalhar", recorda, frisando que "ele é um homem completamente obsessivo".

Há cerca de seis anos, sofreu a primeira agressão física. "Chegou-me arrancar um pedaço de cabelo", lembra. Humbelina apresentou queixa e a partir de então nunca mais lhe bateu. "Mas as agressões verbais eram uma constante. Chamava-me nomes, dizia que eu andava na má vida, violou-me várias vezes". E de ano para ano as coisas foram piorando. Já não tinha acesso à conta conjunta e se precisava de dinheiro Humbelina tinha que pedir ao marido.

"Ele marcava encontros comigo em hotéis fazendo-se passar por outra pessoa para ver se eu ia. Dizia que eu andava com outros homens. Um dia, farta daquilo, fui". E foi a gota de água.

Nesse mês de Agosto pediu o divórcio, mas ele não deu. Pediu ajuda à APAV e ao Espaço Trevo e a quatro de Janeiro saiu de casa. Hoje está numa casa de acolhimento para vítimas de violência doméstica e desde 26 de Fevereiro que está divorciada. Mesmo assim, "a perseguição continua". "Humilha-me, manda-me mensagem a insultar-me e persegue-me".

## ONDE PEDIR AJUDA

As vítimas de violência doméstica do concelho de Santa Maria da Feira podem denunciar a sua situação a qualquer um dos parceiros concelhios que cooperam neste área: PSP, GNR, Direcção Geral de Reinserção Social, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, Associação Alcoólicos Recuperados, Centro de Saúde, Instituto da Segurança Social, Comissão de Protecção de Crianças e Jovens e no Espaço Trevo. Todos os casos serão reencaminhados para o Espaço Trevo onde as vítimas e mesmos os agressores podem ter acompanhamento psicológico, social e jurídico. Em caso de necessidade, as vítimas são reencaminhadas pelos técnicos para uma casa de acolhimento onde ficam resguardadas dos agressores.

## PARA ONDE LIGAR

800 202 148 – Serviço de Informação à vítima de Violência Doméstica  
114 – Linha Nacional de Emergência Social  
919 680 097 – Espaço Trevo





# Violência doméstica mata no Algarve

**Silves** → Indivíduo assassina mulher e suicida-se de seguida

**Mais um caso de violência doméstica acabou dramaticamente.** Na passada segunda-feira, Luís Saraiwa, de 47 anos, assassinou a sua esposa com dois tiros de caçadeira, suicidando-se de seguida com um tiro no queixo à frente da filha de 19 anos e da neta, com três. O marido e pai da criança está preso.

Segundo familiares, as razões do desfecho terão

ficado a dever-se a constantes discussões do casal, que até tinha resultado numa «separação» recente.

O assassinato da esposa e consequente suicídio deu-se depois de uma ida do casal com a filha e a neta ao Centro Hospitalar do Barlavento Algarvio, em Portimão devido a um problema de saúde da neta, de três anos.

Este é só mais um caso

de violência, numa região que é das mais afetadas pelo fenómeno da violência doméstica. A seguir aos distritos das duas grandes áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, Faro é o distrito com mais processos de apoio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Só no ano passado, o Algarve teve 970 processos (11 por cento do total a nível nacional).

## Perfil da Vítima

- Mulher (87,1%)
- Entre os 26 e 45 anos (33,1%)
- Casada (47,6%)
- Família nuclear com filhos (51,6%)
- Portuguesa (80,5%)
- Vive do próprio trabalho (37,9%)
- Reside em centros urbanos

## Perfil do criminoso

- Homem (86,9%)
- Entre os 26 e 55 anos (40%)
- Casado (52%)
- Relação Familiar com a vítima (77%)
- Prática de crimes de violência doméstica de forma continuada (90%)



21-05-2009

Tiragem: 148154

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 39

Cores: Preto e Branco

Área: 4,23 x 4,73 cm<sup>2</sup>

Corte: 1 de 1



## 'MONÓLOGOS DA VAGINA'

### Ensaio para a APAV

■ O ensaio geral de 'Monólogos da Vagina', às 22h00 de sábado, no Casino Lisboa, será aberto ao público e a receita reverte para a Associação de Apoio à Vítima (APAV). Os bilhetes custam cinco euros. A peça estreia dia 26.

## Teatro

### Estreia solidária no Casino Lisboa

O Casino Lisboa e a produtora UAU promovem, no próximo sábado, às 22h00, um ensaio aberto da peça *Monólogos da Vagina* com fins solidários. As entradas têm um preço simbólico de cinco euros e os fundos reunidos revertem a favor da Associação de Apoio à Vítima (APAV). Ana Brito e Cunha, Guida Maria e São José Correia integram o elenco da peça, um sucesso mundial sobre o quotidiano das mulheres.



DADO





## Um ensaio para ajudar

**TEATRO** No próximo sábado, dia 23, às 22 horas, o Auditório dos Oceanos, no Casino Lisboa, abre as portas ao público para o ensaio geral da peça “Monólogos da Vagina”. As entradas custam cinco euros e a receita da bilheteira reverte a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. No palco, as atrizes Guida Maria, São José Correia e Ana Brito e Cunha interpretam o texto da norte-americana Eve Ensler. A peça estreia-se no dia 26 e está em cena de terça-feira a sábado às 22h00 e domingo às 17h00, com bilhetes entre 18 e 22 euros. **METRO**



Ana Brito e Cunha, Guida Maria e São José Correia



*Violência doméstica*  
**Governo facilita indemnizações a vítimas**

● O Governo aprovou ontem uma proposta para facilitar os adiantamentos do Estado na atribuição de indemnizações a vítimas de crimes violentos e de violência doméstica. A medida pretende intervir em casos de carência económica e o regime servirá para “uma maior protecção das vítimas, sobretudo das vítimas de violência doméstica em situação de grave carência económica e que necessitem de intervenção urgente”, disse Pedro Silva Pereira, ministro da Presidência. O diploma prevê ainda uma gestão mais “flexível das verbas afectas a estas indemnizações”.





## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

# Quando as vítimas são eles

Coacção, injúrias, agressões. As denúncias não param de subir



"A partir do dia em que acordei com uma faca no pescoço só pensava em sair de casa. Fui ficando por causa dos miúdos, mas não aguentei". Já passou um ano desde que Luís (nome fictício) decidiu ir-se embora, mas os longos meses de discussões, agressões e até mesmo ameaças de morte continuam na memória. O que começou por ser uma história de amor terminou como "um pesadelo de ciúmes obsessivos", em que a violência doméstica tinha um rosto dominante feminino. As agressões nunca foram retribuídas, "porque todos sabemos que um homem não pode bater numa mulher".

Se tivesse apresentado queixa da companheira, Luís, 32 anos, faria hoje parte do total das mais de seis mil vítimas de sexo

masculino que em 2008 denunciaram às autoridades casos de violência doméstica. Realidade que não pára de crescer: Em 2007, 1722 homens apresentaram queixa à PSP, sendo que em 2008 o número subiu em flecha para 4631. Já à GNR foram feitas 1431 denúncias no ano passado, enquanto que a Polícia Judiciária registou 10 tentativas de homicídio cujo autor era a esposa ou companheira. Três delas resultaram em mortes.

Nos registos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a subida de casos repete-se, com quase 600 homens a pedirem ajuda em 2008. "Sempre existiram casos destes, mas a garantia de confidencialidade e maior visibilidade dos serviços ajudam a dar o passo", explica Helena Sampaio, técnica na APAV. O primeiro contacto das vítimas do sexo masculino é quase sempre por telefone: "São geralmente alvo de vitimização continuada e, quando todas as tentativas de pôr fim a bem não resultam, decidem quebrar o silêncio e minimizar a dor".

### Hematomas de alma não se vêem

A vergonha, essa, está sempre associada, e Luís sabe-o bem. "A maior vergonha era não conseguir controlar a situação e perpetuá-la, mesmo depois de todas as coisas que ela me fazia". Por isso mesmo nunca pediu ajuda, nem mesmo à família. "Era um assunto que dizia respeito apenas a nós. Sempre associei a violência doméstica a agressões físicas, a mulheres espancadas e com os olhos negros, como se vê

### MAIS CASOS

	GNR	PSP	APAV
2007	965	1722	588
2008	1431	4631	678

na televisão. Até há bem pouco tempo não percebia que também eu fui vítima".

Luís nunca ficou com marcas físicas, mas as psicológicas fazem-se notar nos mais de dois maços de cigarros que fuma diariamente, hábito que ganhou nos meses de maior stresse. "Este tipo de violência consegue ter efeitos mais nefastos do que a física", garante a técnica da APAV. "É mais difícil ser provada, logo, é mais complicado a vítima decidir fazer a denúncia". Opção que "pesa ainda mais" quando há crianças envolvidas.

"Na fase em que ela agarrava em facas e se plantava à porta de casa para eu não sair, cheguei a temer pela segurança dos meus filhos. Mas ela nunca foi violenta com eles, era como se tivesse dupla personalidade", lembra Luís, pai de duas crianças com 5 e 8 anos. "Quando lhe disse que ia embora ameaçou que fugia e que nunca mais os via". Actualmente, Luís vê os filhos só aos fins-de-semana, mas não se arrepende: "Fiz o melhor para todos. Eles continuam a ver-me, mas sem discussões".

Coacção, injúrias, ameaça, difamação, agressão física e até mesmo sexual. Pela APAV passam

anualmente centenas de casos graves com vítimas do sexo masculino. "Há a tendência de abordar este tema apenas na perspectiva da mulher e esquecer os outros grupos, como crianças, idosos e os homens", diz Helena Sampaio, que sublinha: "A violência doméstica não se resume às relações conjugais e, no caso dos homens, o agressor nem sempre é uma mulher".

Das 678 vítimas de sexo masculino registadas pela APAV em 2008, 183 foram homens agredidos pelas companheiras, mas há também pais agredidos pelos filhos, crianças agredidas pelos progenitores, violência entre irmãos, agressões em relações homossexuais. Em todas as situações, "o importante é pensar em medidas de afastamento do agressor", salienta a técnica da associação.

Contudo, é aqui que o homem se encontra mais desprotegido, uma vez que ainda não há abrigos pensados para eles. "A lei protege o homem e a mulher de igual forma, mas quando não há provas palpáveis todo o processo ganha um carácter mais subjectivo", conclui Helena Sampaio.

O "factor autonomia" acaba por ter um papel preponderante na recuperação dos homens, que "conseguem despir o papel de vítima mais facilmente", diz a APAV. Já as mazelas, essas ficam durante muito tempo, mesmo quando a vida se torna a recompor: "Transformei-me numa pessoa desconfiada. Acho que nunca mais vou voltar a confiar numa mulher a cem por cento".

PAULA COSME PINTO  
pcpinto@expresso.imprensa.pt



Veja o vídeo  
[www.expresso.pt/expressotv](http://www.expresso.pt/expressotv)



# Violência em casa e na rua



**CONVERSA  
DE MULHERES**

**ANA ISABEL  
SOUSA**

JORNALISTA

Embora a Violência Doméstica sempre tenha existido, ela é hoje mais debatida e denunciada, o que certamente contribui para o aumento da sua visibilidade. Contudo, este facto pode não querer significar o seu aumento real. A participação em maior escala à PSP não consolida o facto de a violência ter acrescido dentro da família, mas consubstancia a sensibilização das vítimas, agressores, instituições de apoio à vítima, Órgãos de Comunicação Social e o próprio Estado para este nefasto problema.

O papel da Polícia é preponderante, dado que é normalmente a primeira instância de controlo social a ser confrontada com o problema e com capacidade de fazer cessar imediatamente as agressões. A PSP está hoje mais preparada e disponível para prestar um serviço de qualidade às vítimas de violência doméstica. A tensão do agressor aumenta por diversas razões e o seu comportamento torna-se bastante agressivo e indiferente ao esforço da vítima em acalmá-lo. Na relação violenta o aumento de tensão leva quase sempre ao uso de violência física e psicológica. A violenta explosão ocorre no segui-

**“Na sociedade açoriana, em que é visível o desenvolvimento, não significa a melhoria de costumes ou diminuição de criminalidade, o que faz com que cada cidadão tome cautelas”**

**“Nas relações violentas o ciclo decisivamente continua, reaparecendo as relações de controlo, aumentando a tensão dentro do casal e inevitavelmente recrudescer a violência”**

mento de um ataque de raiva, ou durante uma discussão. Estas explosões tendem a aumentar a intensidade com o passar dos anos. Fase de “Lua-de-mel”: Se a reconciliação ocorre o casal pode passar por momentos muito íntimos, onde nenhuma das partes recordará a violência passada. O agressor pode ser comunicativo e responder às necessidades da vítima, acreditando na mudança deste. Infelizmente nas relações violentas o ciclo decisivamente continua, reaparecendo as relações de controlo, aumentando a tensão dentro do casal e inevitavelmente recrudescer a violência.

O antigo Comandante Regional da PSP, Furtado Dias, defendeu que ao que consta desde que as sociedades se organizaram o elemento “Polícia” aparece como uma necessidade. É, portanto, “um elemento emergente da sociedade e da sua história. É ao fazer-se a História da Polícia faz-se naturalmente a história social de qualquer comunidade” - acrescentou Furtado Dias.

Dando largas à imaginação ocorreu-lhe, naturalmente, a ideia do que do antecedente poderia existir acerca da polícia, nesta Região.

“Nos próprios comandos existem alguns registos que, porventura, alguém com disponibilidade de tempo, poderá consultar e rever, quiçá, problemas sociais e anti-sociais que no dia-a-dia vão parar a

um comando, esquadra ou posto policial”.

Foi com estas palavras que o antigo Comandante Regional da PSP prefaciou o livro “Polícia nos Açores (Alguns Apontamentos)”, da autoria do historiador Luciano Mota Vieira, editado pelo Comando Regional dos Açores da PSP, que eu trago hoje a lume, atendendo ao aumento da criminalidade nas ruas da nossa cidade, nomeadamente, roubos, alcoolismo e consumo e tráfico de drogas, que contribuem para o crescimento da violência doméstica e na ruas da nossa urbe.

Para o historiador Luciano Mota Vieira, o facto de, nas nove ilhas dos Açores, a vigilância e a regulação do trânsito competirem à Polícia de Segurança Pública é mais uma razão que bem justifica o preenchimento dos quadros determinados na lei e a efectiva instalação de novos postos previstos, que permitam uma maior cobertura das áreas urbanas e rurais.

Na sociedade açoriana, em que é visível o desenvolvimento, não significa a melhoria de costumes ou diminuição de criminalidade, o que faz com que cada cidadão tome cautelas dada a falta de segurança e ordem. Não obstante a profusa iluminação eléctrica e, com o alargamento da rede telefónica, ser mais fácil pedir socorro e voltar a ser úteis, necessárias e recomendáveis as grades, as trancas, os cadeados e as fechaduras de difícil violação... Caso contrário está em risco a nossa própria vida. ||





Evento decorreu no IPJ de Braga

# Seminário interinstitucional debateu violência doméstica



Recriação de "Violência Doméstica", da autoria do Curso EFA de Apoio à Família e à Comunidade da Associação Famílias

A problemática da violência doméstica e a dimensão deste fenómeno nos concelhos de Braga, Guimarães e Vieira do Minho foi o tema central do seminário interinstitucional que juntou ontem no auditório do IPJ de Braga a Associação Famílias (Braga), o Centro Social da Paróquia da Polvoreira (Guimarães) e o Centro Social e Paroquial do Pinheiro (Vieira do Minho). O seminário contou com a presença de duas centenas de participantes.

A socióloga Catarina Rodrigues sublinhou que um dos passos essenciais de combate à violência doméstica passa, necessariamente, pela apresentação da queixa, considerando que a prática de maus-tratos configura um crime público, pelo que, além da vítima, qualquer cidadão poderá apresentar queixa. Referiu, ainda, que a queixa pode ser efectuada num posto da Guarda Nacional Republicana (GNR), esquadra da Polícia de Segurança Pública (PSP), piquete da Polícia Judiciária (PJ), Instituto Nacional de Medicina Legal e serviços do Ministério Público.

A especialista alertou ainda para o facto da vítima que ne-

cessitar de cuidados de saúde que advenham dos maus-tratos dever dirigir-se a um Centro de Saúde ou Hospital, uma vez que estas unidades de saúde podem proceder ao encaminhamento daquela para outras estruturas especializadas no apoio às vítimas de violência doméstica.

Considerando os dados acima referidos, bem como outros que atestam a dimensão do fenómeno, o apoio às vítimas de violência doméstica, em Portugal, quer na sua vertente de acolhimento residencial, quer na do atendimento e acompanhamento não residencial assenta num sistema de respostas sociais privadas e públicas.

De acordo com Jennifer Belpalme, coordenadora da iniciativa, «destacam-se três tipos de respostas sociais, no âmbito da violência doméstica: as respostas de acolhimento (casas de abrigo e comunidades de inserção), atendimento telefónico e atendimento presencial (Rede Nacional de Núcleos de Atendimento; Serviços Locais do Instituto da Segurança Social e Espaços de Informação Mulher/Gabinetes Para a Igualdade das Câmaras Municipais)».

A intervenção com os agressores tem vindo a ser realizada e constitui um ponto de ordem no combate à violência doméstica. Assim, «dentro dessas intervenções destacam-se o Gabinete de Estudos e de Atendimento a Vítimas (GEAV) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Universidade do Porto (FPCEUP), a Unidade de Consulta em Psicologia da Justiça da Universidade do Minho (UCPJUM) e o Serviço de Atendimento e Avaliação Psicológicos (SAAP) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias», destacou a coordenadora do Seminário Interinstitucional.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) contabilizou, em termos de atendimentos no ano de 2008, 18669 crimes, dos quais 90 por cento relativos a violência doméstica; o número de mulheres vítimas mortais de violência doméstica praticamente duplicou de 2007 para 2008, de acordo com a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). A UMAR detectou um aumento de 21 casos registados no ano de 2007 para cerca de 40 no ano de 2008, relativamente a mulheres que não

sobreviveram a agressões de maridos, companheiros, namorados ou de relações já antigas.

## Teatro e exposição

No âmbito da presente iniciativa, os formandos do Curso EFA B3 de Apoio à Família e à Comunidade (Centro Social e Paroquial do Pinheiro) apresentaram uma peça de teatro sobre a prostituição, assim como um filme relativo a um teatro de rua sobre a problemática. A intervenção deste grupo encerrou com a declamação de um poema sobre a prostituição.

Por seu turno, os formandos do Curso EFA B3 de Cozinha (Centro Social da Paróquia da Polvoreira) dramatizaram uma peça de teatro sobre violência de género e apresentaram uma coreografia, sobre a igualdade de género.

Houve ainda tempo para uma exposição, com trabalhos dos formandos: painéis, vitrais, marcadores de livros, exposição de fotografias, telas, cartazes, um coelho gigante com marcadores de livros, um comboio sobre os direitos e deveres das crianças e almoçada contra o racismo.

Evento decorreu no IPJ de Braga

# Seminário interinstitucional debateu violência doméstica



Recriação de "Violência Doméstica", da autoria do Curso EFA de Apoio à Família e à Comunidade da Associação Famílias

A problemática da violência doméstica e a dimensão deste fenómeno nos concelhos de Braga, Guimarães e Vieira do Minho foi o tema central do seminário interinstitucional que juntou ontem no auditório do IPJ de Braga a Associação Famílias (Braga), o Centro Social da Paróquia da Polvoreira (Guimarães) e o Centro Social e Paroquial do Pinheiro (Vieira do Minho). O seminário contou com a presença de duas centenas de participantes.

A socióloga Catarina Rodrigues sublinhou que um dos passos essenciais de combate à violência doméstica passa, necessariamente, pela apresentação da queixa, considerando que a prática de maus-tratos configura um crime público, pelo que, além da vítima, qualquer cidadão poderá apresentar queixa. Referiu, ainda, que a queixa pode ser efectuada num posto da Guarda Nacional Republicana (GNR), esquadra da Polícia de Segurança Pública (PSP), piquete da Polícia Judiciária (PJ), Instituto Nacional de Medicina Legal e serviços do Ministério Público.

A especialista alertou ainda para o facto da vítima que ne-

cessitar de cuidados de saúde que advenham dos maus-tratos dever dirigir-se a um Centro de Saúde ou Hospital, uma vez que estas unidades de saúde podem proceder ao encaminhamento daquela para outras estruturas especializadas no apoio às vítimas de violência doméstica.

Considerando os dados acima referidos, bem como outros que atestam a dimensão do fenómeno, o apoio às vítimas de violência doméstica, em Portugal, quer na sua vertente de acolhimento residencial, quer na do atendimento e acompanhamento não residencial assenta num sistema de respostas sociais privadas e públicas.

De acordo com Jennifer Belpalme, coordenadora da iniciativa, «destacam-se três tipos de respostas sociais, no âmbito da violência doméstica: as respostas de acolhimento (casas de abrigo e comunidades de inserção), atendimento telefónico e atendimento presencial (Rede Nacional de Núcleos de Atendimento; Serviços Locais do Instituto da Segurança Social e Espaços de Informação Mulher/Gabinetes Para a Igualdade das Câmaras Municipais)».

A intervenção com os agressores tem vindo a ser realizada e constitui um ponto de ordem no combate à violência doméstica. Assim, «dentro dessas intervenções destacam-se o Gabinete de Estudos e de Atendimento a Vítimas (GEAV) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Universidade do Porto (FPCEUP), a Unidade de Consulta em Psicologia da Justiça da Universidade do Minho (UCPJUM) e o Serviço de Atendimento e Avaliação Psicológicos (SAAP) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias», destacou a coordenadora do Seminário Interinstitucional.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) contabilizou, em termos de atendimentos no ano de 2008, 18669 crimes, dos quais 90 por cento relativos a violência doméstica; o número de mulheres vítimas mortais de violência doméstica praticamente duplicou de 2007 para 2008, de acordo com a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). A UMAR detectou um aumento de 21 casos registados no ano de 2007 para cerca de 40 no ano de 2008, relativamente a mulheres que não

sobreviveram a agressões de maridos, companheiros, namorados ou de relações já antigas.

## Teatro e exposição

No âmbito da presente iniciativa, os formandos do Curso EFA B3 de Apoio à Família e à Comunidade (Centro Social e Paroquial do Pinheiro) apresentaram uma peça de teatro sobre a prostituição, assim como um filme relativo a um teatro de rua sobre a problemática. A intervenção deste grupo encerrou com a declamação de um poema sobre a prostituição.

Por seu turno, os formandos do Curso EFA B3 de Cozinha (Centro Social da Paróquia da Polvoreira) dramatizaram uma peça de teatro sobre violência de género e apresentaram uma coreografia, sobre a igualdade de género.

Houve ainda tempo para uma exposição, com trabalhos dos formandos: painéis, vitrais, marcadores de livros, exposição de fotografias, telas, cartazes, um coelho gigante com marcadores de livros, um comboio sobre os direitos e deveres das crianças e almoçada contra o racismo.





27-05-2009

## MONTEMOR-O-VELHO

Apoio às vítimas  
de violência doméstica

RODRIGO LOPES, Hernâni Rama e Marta Santos apresentaram o projecto

Diana Claro

**CONTEMPLADO** na carta social do município, o equipamento deverá ser uma realidade em breve a fim de combater um “flagelo” bastante real no concelho.

O executivo montemorense está a desenvolver negociações com vista à criação de um centro de acolhimento para as vítimas de violência doméstica no concelho. O anúncio foi feito ontem durante a apresentação de um projecto de resposta integrada na violência doméstica. Hernâni Rama afirmou que o equipamento – inserido na carta social que está a ser elaborada pela Universidade de Coimbra – é uma “velha ambição” da câmara municipal e que deverá ser uma realidade a breve trecho. “Tudo faremos para que assim seja”, afirmou o vereador do pelouro da Acção Social, sublinhando que, “infelizmente, o concelho não é alheio a este flagelo que atinge a nível nacional”.

Nesse sentido, a autarquia e várias instituições de Montemor aceitaram o desafio de integrar uma nova metodologia no acompanhamento às vítimas de agressões físicas e psicológicas no seio familiar. Trata-se de um projecto que foi criado em 2005, em Penafiel, contando já com a adesão de cerca de 30 municípios. “O objectivo é utilizar os serviços já existentes, mas dar-lhes meios para que as pessoas possam ter todas as respostas”, explicou Rodrigo Lopes, vereador da Câmara Municipal de Penafiel.

Por seu turno, Marlene Fonseca, psicóloga da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), esclareceu que a mais-valia reside, sobretudo, no facto de haver uma resposta em rede.

“As vítimas vêm relatando a dificuldade que têm em expor a sua situação aos diferentes intervenientes no processo. Quisemos encontrar uma solução para que não tenham que se expor várias vezes”, referiu. Assim, haverá uma padronização de procedimentos para que as instituições trabalhem de forma equiparada.

**Contornar a defesa emocional**

O projecto de resposta integrada na violência doméstica irá englobar três grupos, nomeadamente o núcleo de intervenção na violência doméstica, o núcleo institucional de acompanhamento e o núcleo de avaliação que serão integrados por vários parceiros, desde forças de segurança a unidades de saúde, entre outras entidades.

“A violência doméstica é um atentado à dignidade humana que coloca, sobretudo, mulheres no papel de vítimas, bem como crianças e, cada vez mais, os idosos. A intervenção é um papel de todos nós, sobretudo, das instituições”, frisou Marta Santos, da Associação Fernão Mendes Pinto. Instituição que há muito vem trabalhando com outros parceiros na problemática da violência doméstica no concelho e que aplaude esta iniciativa. Isto porque, considera que a realidade actual exige uma mudança de atitude. De acordo com Marta Santos, não basta apenas o acompanhamento, tratamento e reinserção das vítimas. Sustentou que os próprios técnicos precisam de formação para uma melhoria das suas competências por forma a contornar a “defesa emocional” no apoio às vítimas.



## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

# Dez mulheres mortas em cinco meses

MARTA NEVES  
martaneves@jn.pt

**Pelos menos 10 mulheres morreram este ano devido a violência doméstica. No ano passado foram 47. Os dados são da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), que exige uma intervenção do Governo.**

Todos os elementos que dizem respeito a estes homicídios constam de um dossiê que será hoje entregue no Ministério da Administração Interna.

“Os dados referentes aos primeiros meses deste ano mostram uma ligeira diminuição dos homicídios no contexto de violência doméstica quando comparados ao mesmo período do ano passado. Porém, os números pecam por defeito, porque apenas se contabilizaram os casos que vieram a público através da Comunicação Social”, informou, ao JN, Maria José Magalhães, presidente da UMAR.

A mesma responsável adiantou



EDUARDO PINTO

**Maior** número de mulheres assassinadas, em 2008, tinha entre 24 e 35 anos

que a organização que dirige contabilizou, em 2008, 47 casos de homicídio de mulheres em que, na grande maioria (82%), o agressor era o outro membro ou o ex-membro do casal, “quer o relacionamento fosse o de casamen-

to, situação de união de facto ou mero namoro”.

Aliás, nos dados finais do Observatório de Mulheres Assassinadas relativos ao ano passado, é notório que “a vítima localiza-se, sobretudo, entre os 24 e os 35

anos, por isso, cada vez mais jovem”, adiantou Maria José Magalhães. “Temos, concretamente, quatro casos entre os 18 e os 23 anos. O que quer dizer, também, que as vítimas querem sair mais cedo da relação”, acrescentou.

“Já a faixa etária mais elevada do agressor situa-se entre os 35 e os 50 anos”, sublinhou a presidente da UMAR.

## Porto é região “negra”

O registo de 47 mulheres mortas em 2008 devido a violência doméstica é semelhante ao do “ano trágico de 2004”, explica Maria Jo-

Em 2008, o Porto foi onde se registou o maior número de mulheres vítimas de violência doméstica

sé Magalhães, que sublinha que, no ano passado, a região “negra” foi o Porto. “Os números têm muito a ver com a escassez de resposta às vítimas e de uma falta de trabalho na prevenção. Especificamente na cidade do Porto, está relacionado com o facto de não existir um grande investimento como o existente em outras zonas”.

Nesse sentido, a UMAR vai passar a ter no Porto, em finais de Junho, um centro de atendimento às vítimas de violência doméstica e às suas crianças. ■





VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PÁGINA 9

# Uma mulher assassinada a cada duas semanas

**UMAR** contabiliza dez mortes  
nos primeiros cinco meses deste ano

**Associação** diz que se trata apenas de  
casos relatados na Comunicação Social

➔ **Dossiê** será hoje  
entregue no Ministério  
da Administração Interna

Idosos

## Dirigente da APAV diz que vergonha é o "principal obstáculo" à denúncia de violência

26.05.2009 - 20h34 Lusa

A vergonha é o "principal obstáculo" à denúncia de casos de violência sobre idosos, referiu hoje, em Leiria, uma dirigente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Maria Vacas.

À margem do seminário intitulado "Da obscuridade à luz... sobre a violência contra os idosos", que decorreu na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Maria Vacas afirmou que "o sentimento de culpa" das vítimas é outra das dificuldades que impedem a revelação de casos de violência.

A representante da APAV realçou, no entanto, aquilo que designou de "movimento da sociedade" para apresentar situações de pessoas idosas vítimas de violência.

Ao abordar a temática "As especificidades e os limites do apoio às pessoas idosas vítimas de violência", Maria Vacas explicou que existem mais "bloqueios" para conter a denúncia, onde se incluem o medo de perder o cuidador e de a vítima ficar só.

A possibilidade de recriminações e de colocação numa instituição e a perda da privacidade e de relações familiares são também causas que inibem a queixa de violência, acrescentou Maria Vacas.

Por outro lado, a responsável enumerou os factores de risco na violência doméstica contra pessoas idosas, apontando o "isolamento social", uma "história familiar de baixa qualidade" e a "existência de violência doméstica na família no passado".

O facto de o potencial agressor ter alguma dependência em relação à vítima e ter problemas de saúde, perturbações de personalidade ou consumo excessivo de álcool e de drogas podem ser, igualmente, considerados factores de risco.

A representante da APAV observou que nos elementos de perigo incluem-se ainda as dificuldades de comunicação da vítima, resultantes de problemas de audição, visão ou fala, ou quando a família "enfrenta alterações súbitas e negativas".

Maria Vacas descreveu, de seguida, a forma como os idosos são vitimados, referindo o abuso físico, sexual, emocional, económico, abandono, negligência e a auto-negligência.

O ano passado, das 7852 vítimas que a APAV atendeu, 647 eram idosas, revelou, acrescentando que os casos mais frequentes foram os maus-tratos psíquicos, os maus-tratos físicos e a ameaça/coacção.

Mulher, com o 1º ciclo de escolaridade, casada, reformada e que sofre de violência continuada, que pode ir dos dois ou três anos ou superior a 40 anos, é o perfil da mulher idosa vítima de violência, acrescentou Maria Vacas.

Já o perfil do agressor inclui os seguintes dados: é do sexo masculino, é o cônjuge, tem o 1.º ciclo, é reformado e não tem antecedentes criminais, sendo que a violência é concretizada na residência.

Maria Vacas sublinhou que este é o perfil resultante da "média", defendendo ser "importante trabalhar disciplinarmente" e em "cooperação com outras instituições ou serviços" em caso de violência doméstica sobre pessoas idosas.

Pedro Cunha



Mulher, com o 1º ciclo de escolaridade, casada, reformada é o perfil da mulher idosa vítima de violência



### Bloque sobre este artigo

**TWINDOLLY**

Se comentar este artigo no seu blogue, o link aparecerá aqui.

Efectue o ping do seu blogue no Twingly para nós o encontrarmos.





## AFIRMA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA

## Vergonha é o "principal obstáculo" à denúncia de violência

■ A vergonha é o "principal obstáculo" à denúncia de casos de violência sobre seniores, referiu em Leiria uma dirigente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Maria Vacas. À margem do seminário intitulado 'Da obscuridade à luz... sobre a violência contra os idosos', que decorreu na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Maria Vacas afirmou que "o sentimento de culpa" das vítimas é outra das dificuldades que impedem a revelação de casos de violência.

A representante da APAV realçou, no entanto, aquilo que designou de "movimento da sociedade" para apresentar situações de pessoas seniores vítimas de violência. Ao abordar a temática 'As especificidades e os limites do apoio às pessoas ido-

sas vítimas de violência', Maria Vacas explicou que existem mais "bloqueios" para conter a denúncia, onde se incluem o medo de perder o cuidador e de a vítima ficar só.

A possibilidade de recriminações e de colocação numa instituição e a perda da privacidade e de relações familiares são também causas que inibem a queixa de violência, acrescentou Maria Vacas. Por outro lado, a responsável enumerou os factores de risco na violência doméstica contra pessoas seniores, apontando o "isolamento social", uma "história familiar de baixa qualidade" e a "existência de violência doméstica na família no passado".

O facto de o potencial agressor ter alguma dependência em relação à vítima e ter problemas

de saúde, perturbações de personalidade ou consumo excessivo de álcool e de drogas podem ser, igualmente, considerados factores de risco. A representante da APAV observou que nos elementos de perigo incluem-se ainda as dificuldades de comunicação da vítima, resultantes de problemas de audição, visão ou fala, ou quando a família "enfrenta alterações súbitas e negativas".

Maria Vacas descreveu, de seguida, a forma como os seniores são vitimados, referindo o abuso físico, sexual, emocional, económico, abandono, negligência e a auto-negligência.

O ano passado, das 7852 vítimas que a APAV atendeu, 647 eram idosas, revelou, acrescentando que os casos mais frequentes foram os maus-tratos

psíquicos, os maus-tratos físicos e a ameaça/coacção.

Mulher, com o 1.º ciclo de escolaridade, casada, reformada e que sofre de violência continuada, que pode ir dos dois ou três anos ou superior a 40 anos, é o perfil da mulher sénior vítima de violência, acrescentou Maria Vacas.

Já o perfil do agressor inclui os seguintes dados: é do sexo masculino, é o cônjuge, tem o 1.º ciclo, é reformado e não tem antecedentes criminais, sendo que a violência é concretizada na residência. Sublinhou ainda que este é o perfil resultante da "média", defendendo ser "importante trabalhar disciplinarmente" e em "cooperação com outras instituições ou serviços" em caso de violência doméstica sobre pessoas idosas. |

## RELATÓRIO 2008

por RTP  
actualizado às 13:38 - 28 Maio '09

## Amnistia Internacional aponta brutalidade das forças de segurança portuguesas

publicado

11:12

28 Maio '09

Texto

Vídeo

Áudio

Comente este Artigo

**O relatório da Amnistia Internacional sobre Direitos Humanos volta a apontar o dedo a Portugal. A Amnistia refere a brutalidade das forças de segurança e violência doméstica.**



O caso está encerrado e o tribunal deu como provadas as agressões a Leonor Cipriano, condenada pela morte da filha, mas absolveu os inspectores da Polícia Judiciária acusados da autoria das agressões. O processo aparece destacado no relatório da Amnistia Internacional (AI) sobre Direitos Humanos relativo a 2008.

O caso de Leonor Cipriano serve para ilustrar a convicção de que em Portugal persistem os casos de maus-tratos e tortura por parte das forças de segurança. A AI entende que, quando chegam a tribunal, esses processos "avançam lentamente".

### *Violência doméstica preocupa Amnistia*

A violência doméstica é outro dos problemas destacados no relatório.

O número de queixas recebidas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) aumentou durante o ano passado, tendo ultrapassado as 16 mil. O relatório cita ainda uma estatística da organização não-governamental UMAR, de acordo com a qual quase meia centena de pessoas morreram em Portugal em 2008 vítimas de violência doméstica.

A AI refere ainda o controverso cartaz do Partido Nacional Renovador, apontado como um sinal de racismo e xenofobia, e levanta mais uma vez a questão da passagem de voos da CIA por território português.

A organização entende que é preciso apurar responsabilidades e quer saber mais sobre os passageiros que seguiam a bordo.

Em termos globais, o relatório sublinha que dois terços da população mundial vivem abaixo do limiar da pobreza.

As soluções que os líderes mundiais procuram para resolver a crise económica devem incluir um novo pacto sobre Direitos Humanos, diz a Amnistia Internacional.





**Violência - APAV atendeu no ano  
passado 647 idosos**

Cerca de 650 idosos recorreram no ano passado à APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, o que representa 8,2 % no total de 7.852 processos abertos pela organização.

ESPAÇO EPA

# EPA apresenta trabalhos sobre a violência no namoro

■ No passado dia 18 de Maio foram exibidos no Auditório Eng. Victor Matos da Escola Profissional de Aveiro os trabalhos finais a apresentar no Concurso "A Minha Escola pela não-violência". Em duas sessões destinadas a todos os alunos com horário diurno foi trabalhado mais uma vez o tema da violência nas relações de intimidade na juventude, recorrendo a uma

peça de teatro, mímicas, dança ao ar livre e teatro de sombras. No evento houve ainda lugar para as intervenções, seguidas de debate, da Dra. Diana Cunha, em representação da APAV de Coimbra e da Prof. Ana Cláudia Campina da Escola Profissional de Aveiro. Em jeito de colóquio informal e no sentido de melhor fazer chegar a mensagem, foi abordada a temática relacionan-

do-a com os Direitos Humanos, recorrendo a casos práticos do quotidiano e propondo novas perspectivas para relações de namoro que se pretendem justas, saudáveis e harmoniosas. A actividade terminou com um pequeno concerto ao ar livre, na zona envolvente do edifício, com a banda Aveirense NAD o que permitiu, ainda, um momento diferente de salutar convívio.

